

I CONGRESSO DO BOMBO

28 e 29 Novembro 2015 – Aula Magna, Lisboa

Boa Tarde a todos, cumprimentos da Beira Baixa da Cova da Beira e do Fundão e, bom, uma declaração de interesses: eu tenho uma paixão por aquilo que vou falar que são os bombos e quando se fala com paixão, evidentemente algumas coisas ganham dimensões que vão para além da dimensão puramente racional ou pragmática das coisas, mas ainda bem, digo eu. Rui, olha, eu venho aqui dizer-te que os bombos estão vivos e que ainda existem bombos e quando nós nos conhecemos há 15 - 16 anos estavam em risco. Na altura a idade média dos tocadores de bombos seguramente era superior a 65 anos. E havia praticamente 5 a 6 grupos activos, e pifareiros. Os nossos bombos tem o bombo, a caixa e o pífaro. Pifareiros contavam-se pelos dedos de uma mão e não precisávamos dos dedos todos, havia até já na altura uma coisa que hoje se fala por outras vias, nem sempre muito positiva, que era a questão da mobilidade. Os pifareiros eram muito móveis porque tinham que dar apoio a todo o conjunto de grupos, porque efectivamente eram poucos; talvez os Lavacolhos, os nossos bombos mais etnográficos, fazem parte da etnografia e da história musical tradicional portuguesa e, efectivamente, exceptuando eles, talvez nenhum tinha um pifareiro dedicado, e isso era dramático. Era dramático e precisava de acção de acção local. Começamos com uma acção local a partir de uma estrutura cívica, uma associação sem fins lucrativos, uma associação de desenvolvimento local chamada Pinos Verde, e tinha como base o desenvolvimento integrado da floresta, os usos múltiplos da floresta esse, esse mal amando também do desenvolvimento deste país, sobretudo naquilo que tem a ver com as questões do interior e que não tenha a pasta do papel unicamente como propósito; e era de facto difícil, difícil esse processo essa pluri-atividade igual a pluri-rendimento, entrando aqui na temática dos nosso painel e era de facto complexo, uma zona de muito baixa densidade, de muita baixa densidade mesmo na zona do pinhal, do pinhal interior onde nós estávamos muito focados, no cruzamento entre municípios como Pampilhosa da Serra, Oleiros, na zona do pinhal do concelho do Fundão, de Castelo Branco, da Covilhã, daquilo que é a corda do rio Zêzere. De facto é uma zona de muito baixa densidade. Ninguém tenha dúvidas relativamente aquilo que eu aqui estou a referir e na altura, para além de baixa densidade, baixo valor, baixo valor reconhecido, que é algo ainda pior do que eventualmente a baixa densidade porque aí, em cima da falta de massa crítica, começando pelo

principal elemento da massa crítica que é o valor humano, havia, de facto, essa coisa horrível de não ser reconhecido o valor, o que significa não ser reconhecido futuro àquilo que era aquela parte significativa do território. Já hoje ouvimos falar de valor, era o Kant que dizia que quando algo tem valor poder ser comprado quando algo não tem valor ganha dignidade e é a dignidade também que muitas vezes nestes processos, na sua origem e da dignidade que nós começamos e arrancamos e quando se faz um projecto cívico de união de pessoas e de comunidades e na dignidade que ele se alicerça, esse valor maior, que é o valor da igualdade, da fraternidade, da equidade, da coesão de um país; e esse é um valor fortíssimo, mais que o dinheiro, acreditem esse é um valor fortíssimo, tão forte que hoje venho aqui dizer que estamos vivos, os bombos estão vivos, há cerca de 200 tocadores, temos mais de metade dos tocadores provavelmente, hoje, com menos de 30 anos, e muitos com menos de 20 anos, porque pusemos mil crianças na altura, há 15 anos atrás, começamos, há 10 anos atrás estávamos no auge pusemos mil crianças até aos dez anos a aprender a tocar bombo. Pusemos o Tocá Rufar, com o Rui, e é uma expressão de política, depois pública, transmigro daquilo que era uma abordagem cívica que contaminou uma política pública e que na área do ensino, muito antes de se falar da AEC e expressões dessas e depois tornaram-se mais do nosso quotidiano; muito antes disso estávamos nós a pôr todas as escolas primárias do nosso concelho, todas as escolas do 1º ciclo a tocar bombo, a terem essa relação, e hoje estamos vivos sobrevivemos e estamos mais fortes; como diz o ditado, aquilo que não nos mata fortalece-nos e acreditem mesmo que estamos mais fortes muito mais capacitados. A história que vos vou contar já teve este quase que o fim dela, que é estarmos hoje aqui pensarmos colectivamente e a partilhar colectivamente aquilo que queremos ainda para valorizar mais a nossa cultura tradicional e em concreto valorizar mais a cultura do bombo, a paisagem cultural do bombo, porque para mim ela significa muito disso e já vou expressar do ponto de visto o que é o cruzamento com a economia, com a sociedade em muitos aspectos que aqui vos deixo, que eventualmente poderão surpreender muitos, esta história conta-se também por a expressão da iconografia – é verdade que isso pode levar a muitos entendimentos e desentendimentos - mas quando começamos, havia uma metodologia que era ??, sempre coisas bonitas, e que basicamente, em cada aldeia, nós andávamos a garimpar aquilo que era o seu elemento identitário mais forte e a partir dele construir um projecto de desenvolvimento em percussão - juntamos duas coisas que são

instrumentos de percussão, um muito óbvio - o bombo, outro não tão óbvio que era o tear, o tear de linho, e criamos uma base, uma rede de espaços que o Esvarinho que também andou por lá, nos ajudou, chama ecomuseus e baptizou de ecomuseus , expressão essa que hoje nós agarramos, e onde é a sede aqui dos Tocá Rufar no Município do Seixal, é de facto um excelente exemplo do que é esse tipo de, essa nova museografia baseada nos valores da comunidade, aqui tão expresso por todos os oradores brilhantes que me precederam e de facto nos começamos a construir essa rede dos mais belos, ou seja dessa iconografia identitária mais fortemente enraizada naquilo que é a expressão de um povo, de um povo na sua célula mínima que é a aldeia e nessa célula mínima que é a aldeia nesse ADN, que o expressa, que o alimenta, e que lhe dá o pulsar essencial. Nós dissemos o bombo, dissemos mel, dissemos tecelagem, dissemos cereja, dissemos olaria, e criamos uma rede desse tipo de espaços e atrás deles criamos de facto um quadro de programa associados. Em Lavacolhos por razões óbvias, o Bombo, a Casa do Bombo, numa antiga escola primária, que por razões óbvias também foram desaparecendo na sua relação directa com a infância mas continuam como espaços educativos, como espaço de criação de conhecimento, expressão de uma memória, e de criação de valores económico e valor social. A história podia acabar por aqui mas acrescento-lhe mais uma coisa: de repente achamos que tínhamos algo diferente. e começamos a ver que um território com uma paisagem de xisto que, se calhar, poderíamos ser mais ambiciosos, no bom sentido, e dissemos bom, mas o território precisa ter uma marca - já hoje falamos aqui falamos dessas questões, de uma forma mais ou menos directa - as marcas - as marcas são fundamentais, as marcas obviamente construídas com valores, já lá voltarei, mas são essenciais; então andamos e lançamos uma coisa chamada Aldeias do Xisto, se calhar muitos já ouviram falar de uma coisa chamada Rede das Aldeias do Xisto, a Rede das Aldeias do Xisto começou a toque de bombo, se não houvessem bombos, se não houvessem as belas coisas daquele conjunto pequeno de aldeias, hoje uma coisa que tem 27 aldeias, 16 municípios, 60 milhões de euros de investimento da natureza privada e que recebe sensivelmente 200 mil visitantes na zona menos densa e talvez mais desconhecida deste país, pelo menos até a muito pouco tempo, que é a pinhal interior, nos não tínhamos de facto este projecto que teve a sua gene nesta coisa extravagante e disruptivas que eu e aquele senhor, o Rui, fizemos e teve até um momento num santuário de Santa Luzia na vila de Silvaes, onde tocamos a Grândola Vila Morena, num santuário. Tivemos, talvez, um dos momentos mais importantes na

cultura da minha região, que ainda hoje representa aquilo que é a relação entre a cultura tradicional e a cultura contemporânea, como um marco que criou um antes e depois. Podia a história já terminar por aqui. E os meus amigos diziam .. bom já nos livramos de um presidente de câmara que veio aqui referir das suas capacidades, aquilo que andou por lá a fazer. Mas não - mas é que isto teve mais, teve outra questão muito interessante. Bombos, bombos é uma tecnologia, é uma tecnologia provavelmente muito ancestral que depois misturou com muita coisa, muita coisa na história da nossa humanidade, misturou-se também com a história mais contemporânea, misturou-se com as invasões francesas, etc .. etc. á muita coisa que trouxe os bombos até aos dias de hoje.. mas há uma coisa essencial, tecnologia associada a materiais obviamente, materiais neste caso, associada às culturas dominantes, aos modos de produção, aos modos económicos dominantes da região, nomeadamente a vida pastoril, e bombos foram a génese para aquilo que hoje se chama inovação social empreendedorismo social, talvez no seus exemplos mais importantes e também marcantes, que criaram um novo quadro, o quadro da animação cultural, voltando à linguagem, à fusão da linguagens tradicional e contemporâneas, mas, ao mesmo tempo, uma animação cultural enraizada em valores justos. E começamos com esta questão da rede de casas, a génese do projecto das Aldeias de Xisto, laçamos uma coisa que é um conjunto de eventos ligados ao calendário agrícola, estamos a falar há 13 ou 14 anos, hoje isso é o mais corriqueiro que vocês possam imaginar, hoje até é demais, também já lá chegarei, mas o que é certo é que começamos, começamos uma coisa chamada chocalhos e antes disso uma coisa chamada ??? e de repente as pessoas que tinham as suas casas na aldeia, eram eles os motores da animação turística e cultural do concelho, porque abriam as suas casas e cozinhavam e vendiam os seus produtos, abriam as suas casas, os seus espaços de estar e de lazer e a comunidade recebia; a verdadeira comunidade recebia e criava valor, hoje vale 2 milhões de euros nas comunidades locais que ficam exactamente nessa aldeia, por ano; é muito dinheiro quando estamos a pensar que algumas comunidades não tem mais de 100 pessoas, e eles é que se organizam, e nós, com muito poucos recursos, construímos um programa de animação que hoje recebe 150 mil pessoas por ano. Baseados na questão que tem mais valor e que é mais resiliente, utilizando hoje uma expressão por todas as razões e mais alguma, tivemos que aprender, que é a comunidade, uma comunidade coesa é invencível, invencível; isso foi uma base que entrando no desafio da internacionalização, iam

dizer, bom ok, ocê fez isso, isso não parece existir, talvez não exista mesmo, talvez às vezes, para existirmos, alguém tem que reconhecer o que fazemos, e o reconhecimento é uma coisa que obviamente está num dos objectivos deste congresso, a qualificação e reconhecimento de algo que é muito forte, que é esta paisagem cultural do bombo e da percussão, percussão de Monsanto ou do Paúl, estas albufeiras fantásticas que nos ilustram aquilo que é o elemento mais central do nosso corpo que é o pulsar do nosso coração, e quando estávamos a pensar de como era esse reconhecimento eis que no sitio mais imprevisível, improvável porque também por todas as razões e mais alguma no coração da Alemanha, vejam só, nessa Alemanha, não é que nos últimos anos muitos dos que aqui estamos tínhamos muito a dizer-lhes, nesta Alemanha com este programa, com as Aldeias do Xisto com esta rede de espaço de ecomuseu, com esta lógica de uma economia justa na construção de animação que tinha uma expressão turística, com um turismo de experiencias que é hoje o Ferrari do turismo, o vivencial, o autentico, o verdadeiro, estamos a falar de economia, estamos a falar de valores estamos a falar daquilo que estamos disponíveis a pagar por algo, valor. Quando estávamos nisto, criamos uma coisa dentro desta metodologia que era a tradução, tínhamos que ir para o Inglês por razões óbvias, dentro da internacionalização. Então, Aldeias do Xisto, "Social Label" que era ao fim e ao cabo não podíamos chamar-lhe a lógica da comunidade "label comunidade", ou da comunidade, porque não ficava tão bem então chamamos-lhe "Social Label"; chamaram-nos de tudo, aqui no Turismo de Portugal, nas estruturas, instituições, que aqui já foram várias vezes chamadas à coacção, chamaram-nos tudo - "Social Label? Vocês estão a desvalorizar, o social aponta para outras vertentes, vocês estão a diminuir o valor que vocês têm associados ao projecto ". E, claro, como em tudo, na maior feira de turismo do mundo, o tal mercado alemão reconheceu esta expressão, este destino como o melhor Destino Descoberta do Mundo do ano de 2009 e, claro à boa maneira portuguesa, isto alterou tudo, tudo. E claro que a partir dai éramos chamados para tudo e mais alguma coisa, para explicar uma coisa que não se consegue explicar, só se consegue viver, que é como é que se consegue construir valor a partir de uma comunidade, isto vive-se , isto trabalha-se no concreto, trabalha-se, chamado obviamente gente, mas com gente, estando com as pessoas e pelas pessoas e estando em comunidade, é muito difícil estas questões explicarem-se de uma forma como se fosse repetível, as fórmulas. Outra coisa que nos desgraça, muitas vezes, e que eu espero que também na componente da

certificação dos processos, na valorização, desde o artesão que faz uma peça, a quem obviamente a consegue depois tocar, na replicação dessas peças, expressão obviamente que dizem-me explica aquilo que é o quadro do artesanato, que seja também uma das questões, uma das vias associadas a esta questão, por isso, de repente, a questão coloca-se: e então o Bombo entra nisto no começo, entrou nisto na óptica do quadro da animação permanente, da animação cultural, na construção de valor artístico, na autoria, na expressão do artesanato, de uma memória de uma identidade, de uma comunidade, e agora que fazer? É continuar porque nós precisamos mesmo que ele seja mais certificado e reconhecido em quadros nacionais e internacionais. Vejam se a nossa afirmação de uma comunidade nas fileiras produtivas, quando eu falo que um bombo que é feito de pele de cabra, significa cultura pastoril, e vos digo que o queijo que se produz que é essencialmente misturado com leite de cabra e ovelha vale 20 milhões de euros por ano, e eu, para dizer a um consumidor que, em vez de 10 euros por um queijo, ele está relacionado com comércio justo - comércio justo tem actividades colaterais que também elas são de muito valor - eu posso dizer a um consumidor que, eventualmente, o queijo possa valer mais, isso significa mais riqueza que pode ficar no meu território, e estas questões estão mesmo interligadas porque nos cabe depois a nós, enquanto gestores de marca, enquanto marketing social marketing correcto e verdadeiro, nós fazemos a conexão entre estas coisas, e acreditem que elas valem, valem. Talvez a coisa que tem mais valor que toda a gente conhece, quando se fala em Fundão, não é os Bombos, é uma coisa que toda a gente conhece hoje, melhor que os Bombos, é a cereja. A cereja também tem econografia, também foi trabalhada da mesma maneira e também teve princípios de mercado justo, comércio justo, e valor justo, então alteramos os processo, juntamos os produtores e começamos a criar uma marca de valor justo, começamos a trabalhá-la deste ponto de vista e no ano passado bateu-se o recorde absoluto do valor pago ao produtor - absoluto. Temos não sei quantos produtos que querem fazer coisas connosco, ontem até um gin de cereja do Fundão já se lançou, de repente, grandes marcas querem fazer coisas connosco, e querem fazer connosco não só pela notoriedade que a marca tem, querem fazê-la por causa dos valores, produção integrada, valores sustentável da produção, a relação directa com o produtor. A cereja tem assinatura, a assinatura do José, do João; é uma cereja com rosto; esse rosto pode-se perceber e tudo isto, num mercado complexo actual, é valor. Os bombos tem essa mesma possibilidade

directa e indirectamente na entrada de cadeias de valor muito fortes, daquilo que é a componente do turismo, dos produtos endógenos, agro-alimentares que estão associados, nomeadamente, à cultura pastoril e aquilo que é o valor intrínseco culturalmente, porque, daí também dizer ao Rui, que hoje, da componente informal, passamos para a componente formal. Hoje, a percussão entrou em várias escolas de artes de música e dança ali da região como cadeira como disciplina; hoje, felizmente, temos várias pessoas, vários jovens, na casa dos 30 - toda essa malta que hoje são excelentes percussionistas em Portugal - por causa desta questão da cultura do bombo, seguiram evidentemente a carreira mais artística e aprofundaram-na relativamente a esta questão, por isso também no ponto de vista da educação do componente profissional que obviamente também é economia também essa expressão também, efectivamente, aconteceu. Bombos. - só para vos dizer uma coisa. Outra linha da historia. Começamos na questão do artesanato do craft a trabalhar. Começamos, fomos, e ouve uma coisa que nos apercebemos. A maior parte dos autores, artesão portugueses odeiam estar em feiras onde os põem ao lado de produtos - desculpem-me a expressão, não vejam nisso qualquer preconceito – chineses. É muito aborrecido, algo que é diferente e autêntico, esteja na barraquinha do lado como ser, em concorrência, qualquer chinesice por 1€, 1.5€ , ao lado de coisa que tem uma autoria, tem uma memoria, têm uma transmissão intergeracional de conhecimento, têm obviamente um valor totalmente distinto.

E como percebemos disto criamos uma comunidade. Nós fazemos muitas residências artísticas. Nessa questão que aqui falamos de “residência à chuva” que achei uma expressão muito bonita, porque de facto isso é .. essa não é só uma experiência que aqui foi partilhada hoje isso também é uma forma de fazer cultura, e dela poder ser possível e se poder operacionalizar, isso é, gostei muito de facto da expressão, porque ela em si é também uma metodologia efectivamente de trabalho, e uma necessidade até de se poder trabalhar, do ponto de vista dessa mobilidade, dessa dinâmica e dessa flexibilidade, que também é preciso ter nesta quadro de processo .

Estávamos nisso e chamamos a atenção do **???** e que neste momento tem sede em Portugal também, que não tinha, nem sequer éramos chamados para ele, e o projecto Aldeias de Xisto é o seu representante. **o ai setp** começou-nos a falar para nós sermos, do ponto de vista da internacionalização, do design de autor em Portugal,

começarmos efectivamente a criar um plano de acção para poder ajudar a internacionalização do design, que não é uma coisa menor, em Portugal, até pela nossa criatividade intrínseca, em termos de design de autor,

Os bombos, a forma de fazer, a forma de trabalhar, é fundamental entrar no quadro deste processo. Volto ao início - estamos mais fortes, mais capacitados e sobrevivemos. Hoje já aqui foram ditas coisas muito bonitas e muito elucidativas daquilo que pode ser o caminho a trilhar que seguramente amanhã nas conclusões aqui vão ser expressas. Amanhã não vou poder cá estar. Mas deixo aqui a minha palavra de honra, e ali a do presidente de Junta de Lavacolhos que também já aqui vi, que é o titular dos bombos, porque os bombos em Lavacolhos são património público e nem podem ser vistos de outra maneira, porque são património da comunidade total, ou seja, é quase como um baldio mas com o dono colectivo em que todos são donos em uma % se quisermos, fictícia de cada um e de cada qual, daqueles bombos daquelas caixas e daquele pífaro, é também uma particularidade que demonstra bem do que estamos aqui a falar, daquilo que às vezes representa o que é o valor, de que tem esta expressão no meu território, mas de referir que deixo aqui a minha palavra de honra de que esta questão do bombo, esta questão que este 1º congresso aqui muito bem lançou, nós vamos estar de corpo e alma nele e que temos 200 corpos para pôr já ao vosso dispor, nós partilhamos com vocês esse sangue, porque quando eles tocam a sério, o sangue salpica naquelas peles, partilhamos com vocês o nosso suor, porque acreditem que os bombos, passado umas horas, nem precisam de horas, são bastante pesados , e partilhamos com vocês algumas lágrimas, não de tristeza, as lágrimas que o Zé ali falou de quando nas gravações do Giacometti ,numa festa muito característica da região da Santa Luzia, bombos tocam ao desafio, bombos de Lavacolhos e do Castelejo, bombos insurgentes porque essa é a sua natureza , bombos inconformados porque essa é a sua natureza, e bombos que são guerreiros porque essa também é a sua natureza, e lágrimas também como na comunidade de Lavacolhos acontece, porque sempre que os bombos saíam e voltam como amanhã virão fazer aqui exactamente neste congresso, cheguem à hora que cheguem, de noite, de madrugada, de verão ou inverno, eles fazem a arruada pela terra dizendo que voltaram à comunidade. Muito obrigado.